



cidade-livro está de volta

Tendo como **homenageada a poeta paulista Orides Fontela** (1940-1998), a cidade histórica de Paraty recebe, **de quarta a domingo (22 a 26), a 24ª edição da Festa Literária de Paraty (Flip)**, com 21 mesas de debate e vasta programação paralela. Páginas 2 e 3

AFFONSO NUNES

Entre o mar e a montanha, Paraty permanece com aquela atmosfera do século XVIII: ruas de pedra irregular, casarões caiados, igrejas brancas recortadas contra a Serra da Bocaina. É neste cenário congelado no tempo que a literatura descortina, todo mês de julho, suas tendas e palcos com a Festa Literária Internacional de Paraty. Pelo segundo ano consecutivo, a Flip escolhe uma poeta como autora homenageada. Depois de Paulo Leminski (1944-1989), em 2025, chega a vez de Orides Fontela (1940-1998), voz singular da literatura brasileira que Antonio Candido chamava de “nosso Rimbaud”. A 24ª edição acontece de 22 a 26 de julho, no Centro Histórico da cidade, com curadoria literária de Rita Palmeira e 21 mesas de debate cujos nomes são trechos de poemas de Orides.

Nascida na pequena São João da Boa Vista (SP), filha de um marceneiro e de uma dona de casa, Orides Fontela viveu entre o reconhecimento da crítica e a pobreza extrema. Venceu o Prêmio Jabuti de Poesia em 1983 com *Alba* — livro prefaciado por Antonio Candido — e o



A bela Paraty se enfeita de gente e livros em mais uma edição da maior festa literária do país

Sob o signo do

desenrai

No ano em que homenageira a poeta Orides Fontela, a Flip 2026 chega a Paraty com mais de 600 atividades

Prêmio APCA em 1996, com “Teia”. Sua obra, que inclui ainda “Transposição” (1969), “Helianto” (1973) e “Rosácea” (1986), é marcada por poemas curtos, despojados de ornamento, influenciados pelo zen-budismo e pela filosofia. Os poemas foram traduzidos para o inglês, o francês e o catalão. A editora Hedra relançou suas obras completas.

Rita Palmeira considera Orides “uma das maiores poetisas brasileiras da segunda metade do século 20”, o que diz ser a principal de “inúmeras” razões para a escolha. A intenção, segundo ela, foi propor um enfoque na produção poética de Orides — ofuscada no passado por aspectos biográficos, como a pobreza, e a precária condição social, mesmo após ser laureada com prêmios importantes. “Homenageá-la é um movimento oposto a esse, é tentar fazer com que a sua obra apareça e seja o centro das discussões quando se fala na Orides Fontela”, afirmou em entrevista à CBN.

Rita chega à curadoria após atuar como mediadora de mesas



Andrea Del Fuego

do Programa Principal desde 2017. Doutora em Literatura Brasileira pela USP e mestre em Teoria Literária pela Unicamp, foi editora-executiva da revista *Novos Estudos Cebap* e editora-assistente do selo Três Estrelas. Criou a Livraria Megafauna, em São Paulo, e apresenta o podcast *Livros no Centro*. “Foi uma alegria e uma honra, mas não exatamente uma surpresa, porque tenho uma relação longa com a Flip”, disse ao PublishNews ao ser anunciada,



Andrea Bajani

em setembro de 2025. “A curadoria deve ser feita escutando muita gente — a equipe da Flip, o conselho, antigas curadoras e curadores, as editoras e os leitores, e sempre com atenção ao que vem sendo produzido aqui e fora daqui”, defende.

Para Mauro Munhoz, diretor artístico e um dos criadores da Flip, o convite a Rita “consolida sua parceria profissional com a Flip, que começou por meio de mediações instigantes e inspiradoras entre al-



Ana Paula Tavares

guns dos nomes mais relevantes da literatura contemporânea”.

Uma parte significativa dos autores da programação convida seus leitores a pensar a casa — metáfora que se estende à família ou à nação — como um território instável. Vários convidados mantêm relação ambígua com seus lares: ora estão, ora não estão em seus países de origem; não vivem com segurança em suas casas e se afastam, por coerção ou por escolha, em decorrência de

deslocamentos internos ou externos. O conceito se estende à homenageada: Orides enfrentou precariedade material tão intensa que chegou a ficar sem moradia, no sentido literal. “Reunir autores que escrevem a partir da instabilidade, em suas diferentes dimensões, é certamente honrar a memória de Fontela e de sua poesia”, reforça a curadora.

A programação principal, realizada no Auditório da Matriz, reflete esse eixo. Guerras, migrações forçadas, conflitos geracionais e identitários e a crise das democracias atravessam as conversas — sem abandonar a dimensão pessoal dos autores. A literatura brasileira de autoria feminina, tanto em prosa quanto em poesia, também tem lugar de destaque, com escritoras como Andréa del Fuego, Paulliny Tort, Bethânia Pires Amaro, Mateus Baldi e Paloma Vidal. Cada uma das 21 mesas recebe o nome de um verso de Orides, costurando a homenageada ao tecido dos debates. Uma novidade estrutural: em 2026, há três mesas no domin-

go (10h, 12h e 15h30), enquanto sexta e sábado terminam às 19h.

Entre os internacionais, destaque para a britânica Zadie Smith, que sobe ao palco no sábado (25), às 19h, para discutir colonialismo, imigração e racismo em sua obra. O franco-argelino Kamel Daoud, vencedor do Goncourt 2024, divide mesa com a luso-angolana Djaimilia Pereira de Almeida para falar sobre luto, esquecimento e dever de memória. O ucraniano Andrei Kurkov e a canadense de origem ucraniana Maria Reva abordam a guerra a partir da ficção — ele em diários, ela em romance engenhoso e bem-humorado. O líbio-britânico Hisham Matar, cujo pai foi sequestrado pelo regime de Gaddafi quando ele tinha 19 anos, encontra o brasileiro Milton Hatoum, que em sua recente trilogia narra o desaparecimento de uma mãe durante a ditadura militar brasileira. Uma conversa entre dois escritores premiados sobre memória e literatura, política e ficção, escrita e liberdade.

O debate político também entra pela programação. A ministra do STF Cármen Lúcia apresenta o livro “Pela Mão do Povo — Democracia e Voto no Brasil” e discute os ataques recentes à democracia brasileira na sexta (24), às 13h30.

No mesmo dia, às 12h, o crítico João Cezar de Castro Rocha e o psicanalista Paulo Schiller debatem



Angela Davis



Augusto Massi



Carmen Lúcia



Bethânia Amaro



Drauzio Varella

passa as mesas paralelas. Na Casa Urutau, espaço parceiro da Flip no Centro Histórico, a mesa “Estado de criação: autoria, deslocamento e alteridade” reúne, na sexta (24), às 14h30, Jessica Paola, Ana Helena Amarante, Fernanda Hamann e Lua Negrão. “A alteridade na minha obra aparece principalmente na forma como as vozes dos contos nunca são totalmente fixas ou centradas em um único ponto de vista”, define Jessica Paola, autora de “Meu Nome é um Lugar Longe (Editora Urutau, selo Hecatombe). “As personagens são atravessadas por deslocamentos, de linguagem, de território e de identidade, e muitas vezes só conseguem se reconhecer a partir do olhar do outro

A relevância desta edição está no equilíbrio entre o gesto poético e o diagnóstico do presente. Ao eleger Orides Fontela — uma autora que viveu à margem do sistema literário apesar do reconhecimento da crítica —, a FLIP 2026 faz um contraponto ao barulho do mercado e reafirma a palavra como espaço de resistência.

Reconhecida como Patrimônio Histórico, Cultural e Imaterial da cidade de Paraty e do Estado do Rio de Janeiro, a FLIP teve em 2024 seu plano plurianual aprovado pelo Ministério da Cultura, garantindo captação via Lei de Incentivo à Cultura até 2027. Todas as mesas do Progra-

zamento

autoritarismo e ascensão da extrema direita. O médico e escritor Drauzio Varella conversa com a alemã Carmen Stephan — que escreveu um romance sobre a malária narrado pelo mosquito transmissor — sobre doenças tropicais, medicina, vida e morte. Varella é autor de “O Médico Doente”, relato de quando contraiu febre amarela e esteve à beira da morte.

Eventos paralelos

A Casa Sesc, programa paralelo no centro histórico de 23 a 26 de julho, traz um nome de peso: a filósofa e ativista norte-americana Angela Davis, de 82 anos, na FLIP pela primeira vez. Sua mesa, “América e África: uma conversa Atlântica”, reunirá Davis e o Nobel nigeriano Wole Soyinka, com mediação da jornalista Flávia Oliveira, no sábado (25), às 18h. A procura foi tão alta que a conversa, antes prevista para a Casa Sesc, foi transferida para uma tenda montada no Sesc Caboré, com capacidade para 700 pessoas. O encontro propõe reflexões sobre

liberdade, literatura, pensamento crítico e as conexões históricas e culturais entre África e Américas.

A Casa Sesc, guiada pelo conceito “Veredas” — em alusão aos 80 anos do Sesc e aos 70 anos de publicação de “Grande Sertão: Veredas”, de Guimarães Rosa —, ocupa três espaços no Centro Histórico (Sesc Santa Rita, Casa Sesc e Casa Edições Sesc) com programação gratuita que inclui mesas, shows, exposição, performances poéticas e oficinas. Entre os convidados estão Ana Maria Gonçalves, Socorro Acioli, Cidinha da Silva, Muniz Sodré e Itamar Vieira Junior, além de shows de Chico César e Anelis Assumpção e performance poética de Arnaldo Antunes. A exposição “Há 80 anos, somos feitos de Histórias” ocupa o Sesc Santa Rita com fotografias históricas e registros contemporâneos da trajetória da instituição.

No campo literário, a angolana Ana Paula Tavares, vencedora do Prêmio Camões 2025, ocupa mesa no sábado para falar de sua trajetória poética marcada pela história de An-

gola e pela emancipação feminina. A franco-mauriciana Nathacha Appanah, vencedora do Femina 2025, e a brasileira Bethânia Pires Amaro, Jabuti de Contos 2024, conversam sobre protagonistas mulheres e as violências a que são submetidas. A catalã Eva Baltasar, autora de uma vertiginosa trilogia sobre a maternidade, encontra a amazonense Susy Freitas, autora do romance No baile do juízo final. A italiana Andrea Bajani, as estadunidenses Katie Kitamura e Marta Pérez-Carbonell e o guatemalteco Eduardo Halfon compõem um elenco internacional que dialoga com autores brasileiros como Andréa del Fuego e Paloma Vidal. A atriz Denise Stoklos fecha a quinta-feira com a estreia de espetáculo inspirado em Dalton Trevisan, com direção de Alessandra Maestrini.

Além das 21 mesas do Programa Principal, mais de 600 atividades se espalham pelas ruas de Paraty, reunindo 35 parceiros. A Praça Aberta, na margem do rio Perequê-açu, recebe 202 autores independentes e coletivos locais e 22 mesas no Au-

ditório do Areal. O Programa de Casas Parceiras, com mais de uma década, abre ao público residências privadas do Centro Histórico que normalmente permanecem fechadas. Há ainda a Flip+ Cinema da Praça, com sessões gratuitas diárias; a Flip+ Motiva, que em 2025 levou transporte gratuito a moradores de 23 comunidades e neste ano traz nove mesas literárias; a Leitura na Praça, no gramado da Igreja de Santa Rita, com troca de livros entre o público; e a Flip+ Casa da Arquitetura, parceria com Matosinhos (Portugal). Na noite de sexta, o Palco da Praça recebe o Foro de Teresina, com os jornalistas Fernando de Barros e Silva e Ana Clara Costa e o sociólogo Celso Rocha de Barros, em parceria com a revista Piauí. A 20ª Regata INP, com embarcações de crianças pela baía de Paraty, celebra a cultura náutica local. A Casa da Cultura, em casarão de 1754, abriga programação especial em homenagem a Orides Fontela, desenvolvida em parceria com a Hedra.

O eixo curatorial também per-

ma Principal contam com interpretação em Libras, audiodescrição e tradução simultânea.

Dez por cento dos ingressos de cada mesa são distribuídos gratuitamente e outros 20% vendidos a preços populares para a comunidade paratiense. Pelo segundo ano, a Festa neutraliza sua pegada de carbono em parceria com o conglomerado Tereos. A linha ReCria Flip transforma peças de arquitetura de edições anteriores em anéis de leitura e porta-livros impermeáveis.

SERVIÇO

24ª FLIP — FESTA LITERÁRIA DE PARATY | De 22 a 26/7

Auditório da Matriz, Centro Histórico de Paraty (RJ)
Transmissão gratuita: Palco da Praça (Praça Aberta), Casa Patrimônio (Largo da Santa Rita), site e YouTube da Flip, canal Arte1
Ingressos: Lote 1 — R\$ 50 e R\$ 25 (meia); Lote 2 — R\$ 140 e R\$ 70 (meia)
Vendas em flip.fcticket.com.br

Um hemisfério de pura diversão... nas plataformas

Depois de elencar os melhores lançamentos em cinema, de janeiro a junho, o Correio da Manhã faz uma triagem de dez joias que 'estrearam' via streaming antes de julho chegar



William Tell

Divulgação

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

No comecinho do mês, o Correio da Manhã listou os filmes que mais barulho fizeram em salas de projeção de 1º de janeiro até 30 de junho, fazendo uma ressalva: um dos títulos de maior vigor estético a aterrisar por aqui em 2026, o espanhol “Tardes de Solidão”, de Albert Serra, só veio até nós via MUBI, uma das mais ativas plataformas digitais da web. Já que é assim, porque não repetir a mesma triagem confiada ao circuito exibir, só que, agora, no âmbito do streaming nacional? Afinal, tem muito filmaço que nasceu Netflix, nasceu Original Prime Video ou foi feito nos estúdios Globo para o Play do Plim-Plim. A lista a seguir analisa pérolas que não tiveram carreira comercial em tela grande entre nós, mas... são a maior diversão. Lembrando: não se trata de narrativa serializada; só vale longa, média ou curta-metragem.

Alguns são pura pipoca, outros exploram veios narrativos de invenção, como fez Serra. Seu “Tardes de Soledad” (título original) foi encarrado desde a sua primeira exibição pública, no Festival de San Sebastián, como um gesto de ousadia e



Deixa Acontecer

Angélica Goudinho/Gloplay

um convite à provocação, este ensaio documental faz jus à brutal controvérsia que despertou ao receber o troféu basco Concha de Ouro de 2024, por sua excelência de lingua-

gem. Adota como objeto de estudo um dos temas dos mais indigestos para os novos tempos: a tourada. Ao seguir o dia a dia de um toureiro peruano visto como celebridade



Um Poeta

Divulgação

em seu ofício, Andrés Roca Rey, o realizador de cults como “A Morte de Luís XIV” (2016) combate o machismo e também a naturalização da violência contra os animais inerentes àquela tradição ibérica. A fotografia de Artur Tort nos coloca no coração da arena e a engenharia sonora nos faz experimentar cada “Olé!” da plateia como se fosse um tremor de terra. Vá lá na www.mubi.com sentir esse barato. Antes aí vai nosso Top Ten:

ÓRFÃO (Ávra), de László Nemes (Hungria): A interpretação notável de Grégory Gadebois como figura paterna possível para o protagonista, o jovem Andor Hirsch (Björján Barabás), confere equilíbrio ao novo filme do realizador de “O Filho d Saul” (2015). Rodado em 35mm, em Budapeste em dez dias,

em 2024, “Orphan” foi escrito por Clara Royer e Nemes a partir das vivências do pai do diretor durante a Revolução Húngara de 1956, quando forças opositoras reagiram ao domínio soviético da União Soviética. Na narrativa, Andor sonha reencontrar sua figura paterna desaparecido durante a Segunda Guerra Mundial, o que alimenta uma relação tensa com a mãe, Klára (Andrea Waskovics). Perdido entre inquietações e fantasias, o jovem cruza com Mihály Berend (Gadebois), o homem que escondeu Klára durante a guerra e que agora procura reconstruir uma ligação com ela. Plataforma: MUBI

SALVE GERAL: IRMANDADE, de Pedro Morelli (Brasil): Produção da O2, derivada do seriado homônimo com Seu Jorge,



O Justiceiro - Uma Última Morte



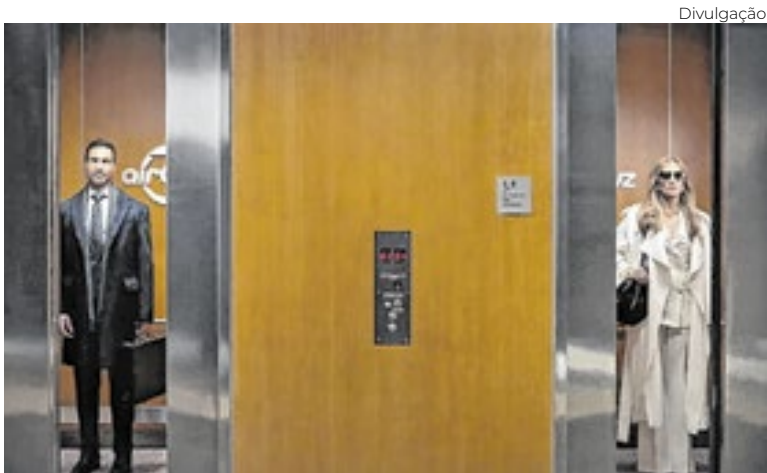
O Órfão



Salve Geral, Irmandade



Consequência



Paixão de Escritório



Sua Culpa



Mike & Nick & Nick & Alice

essa produção estatelou olhares em sua estreia, em março. Pude-
ra! Pedro (filho do também rea-
lizador Paulo Morelli, com quem
rodou o rasga-corção “Entre
Amigos”, em 2013) dirige sequên-
cias de tiroteio e perseguição com
uma ventoinha cinemática e uma
descarga de adrenalina dignas de
“John Wick”. Em vez de Keanu
Reeves, temos uma Naruna Cos-
ta com sangue no olho e atuação
febril no papel da advogada Cris-
tina, que precisa salvar a sobrinha,
Elisa (Camila Damião), de uma
turma fardada que, apesar de ter
distintivo, age pela banda podre
da Lei. Plataforma: Netflix

**O JUSTICEIRO: UMA ÚL-
TIMA MORTE** (“The Punisher:
One Last Kill”), de Reinaldo Mar-
cus Green: Encarado como um dos
atores em maior ebulição de Holly-
wood (e na Broadway, onde encena
a peça “Um Dia de Cão”), Jon Ber-
nthal foi o terceiro nome a encarnar
o Justiceiro, das HQs Marvel, no
audiovisual. Antes vieram Dolph
Lundgren e Thomas Jane. Ele su-
perou ambos, numa série de duas
temporadas da Netflix, levadas para
o streaming do Mickey, onde estrela
e escreve este média regado a san-
gue. A realização é do cineasta por
trás do sucesso “Bob Marley: One
Love” (2024) e ele sabe extrair pran-

to em meio a narrativas de espetácu-
lo gráfico. Aqui, o vigilante Frank
Castle (Bernthal) tomado pela cul-
pa duvida da relevância de sua cru-
zada contra o Mal... até a violência
explodir em sua cidade. Bernthal
reluz. Plataforma: Disney Plus

UM POETA (“Un poeta”),
de Simón Mesa Soto (Colômbia):
Nesta trama coroada com o Prê-
mio do Júri da mostra Un Certain
Regard de Cannes e com o prêmio
Horizontes Latinos do Festival de
San Sebastián, o trovador Oscar (in-
terpretado com fluidez por Ubei-
mar Rios, um ator não-profissional)
teve a chance de lançar dois livros e

de dar aulas, o que, nem de longe,
aplaça seu apetite por prestígio. Sua
pátria, a mesma de Gabriel García
Márquez, viu brotar muitos faróis
na literatura. Oscar almeja ser um.
Se bebesse menos, era mais fácil che-
gar lá e não estaria, já quarentão, à
mercê do quarto que tem na casa da
mãe, rejeitado pela filha adolescen-
te. O verbo “desistir” é imposto pela
vida a Oscar como um norte inescapá-
vel. Mas a crença de que o poema
pode levar quem escreve e quem lê à
transcendência o leva a uma jovem,
Yurlady (Rebeca Andrade), que de-
monstra ter um talento nato para
metáforas. Na Medellín filmada por
Mesa Soto numa fronteira ténue do
naturalismo, a relação entre eles ex-
põe crises culturais disfarçadas de as-
sistencialismo e de capitalização da
miséria (alheia). Plataforma: HBO
MAX

DEIXA ACONTECER, Natália
Grimberg (Brasil): Escalando um
ator em fase de apogeu (João Vítor
Silva, de “Cinco Tipos De Medo”
e “O Agente Secreto”) como uma
espécie de Hugh Grant pagodeiro,
esta comédia romântica filé segue os
rumos da estudante Marina (Paola
Antonini), uma jovem PCD mi-
neira que decide deixar Uberlândia
para cursar Medicina no Rio de Ja-
neiro, determinada a conquistar sua
independência. A prótese de met-
al que usa a substituir um de seus
membros inferiores costuma ser
um indício de alerta para sua mãe
(Camila Morgado) e seu pai (Dan-
ton Mello), muito carinhosos com
a moça. Ao ser aprovada em uma
renomada universidade pública ca-
rioca, ela vê a mudança como uma
oportunidade de provar que é ca-
paz de conduzir a própria vida, sem
que ninguém a conduza pela mão.
O caso é que o Cupido atira suas
flechas quando menos esperamos.
Plataforma: Globoplay

SUA CULPA: LONDRES
 (“Your Fault: London”),
de Charlotte Fassler e Dani Gird-
wood (Reino Unido): Uma histó-
ria de amor proibida entre Noah,
de 18 anos (vivida pela ótima Asha
Banks), e o meio-irmão Nick (Mat-
thew Broome) enfrenta desafios
enquanto seguem caminhos dife-
rentes - ele nos negócios, ela em Ox-
ford - ao mesmo tempo que os dois
lidam com novos relacionamentos e
segredos. A canção “Hot”, de Avril
Lavigne, na trilha sonora, incre-
menta a pressão da trama. Tem um
díptico bom também: “Minha Cul-
pa: Londres”, de 2025. Plataforma:
Prime Video.

**CONSEQUÊNCIA (“Outco-
me”),** de Jonah Hill: Uma das
comédias acridoces mais inusitadas
que o gênero produziu nestes tem-
pos de patrulha contra o riso. Um
Keanu Reeves em estado de graça
vive o ator Reef Hawk, que (como
seu intérprete, também) ficou céle-
bre com franquias sucessivas. Mas
sem seu público saber, ele viciou-se
em heroína, passou por um rehab e,

agora, preparado para retomar seu
trabalho, encontra-se sob ameaça de
“cancelamento”. Seu administrador
de crises, Ira Slitz (papel do próprio
Jonah Hill), revela que alguém está
o chantageando com um vídeo de
conteúdo questionável. Sua vida
pode virar de cabeça para baixo caso
o conteúdo vaz. Eis que Reef en-
tão decide se redimir com aqueles a
quem magoou - ou prejudicou - no
passado. O diretor Martin Scorsese
interpreta um deles. Plataforma:
Apple

**WILLIAM TELL: O GUER-
REIRO (“William Tell”),** de
Nick Hamm: Nem Robin Hood
manuseia uma flecha com tanta
destreza quanto Guilherme Tell,
herói medieval que, em vez do arco,
tinha uma besta. Ele virou lenda no
ano de 1307, quando a Suíça é uma
província sob o domínio da casa
real austríaca, do clã Habsburgos. O
povo suíço está ressentido com essa
ocupação estrangeira e uma rebelião
está a se formar, especialmente por-
que soldados dos líderes políticos
maltrataram a população à vontade.
Tell (Claes Bang) é o único habitan-
te com destreza em combate para
reagir. Reluta, por devoção à sua
família, mas o chamado da guerra
vai conspurcar sua quietude, num
espetáculo eletrizante. Plataforma:
Looke/ Prime Video

**MIKE & NICK & NICK &
ALICE,** de BenDavid Grabinski:
Vince Vaughn passou a segunda me-
tade dos anos 2000 enchendo os co-
fres de Hollywood de dinheiro com
comédias nas quais usava seu cor-
panzil aparvalhado em prol da gar-
galhada. Aqui, ele aparece em dose
dupla: é o Nick de hoje e o Nick de
amanhã. Seu personagem, seja em
que dimensão do tempo for, está
metido com o crime. O chefe que
quer sua cabeça, por considera-lo
um X9 só não é menos perigoso do
que seu amigo Mike, papel de James
Marsden, o Ciclope dos X-Men na
fase Bryan Singer. Os dois amam a
mesma moça, Alice (Eiza González,
um furacão de carisma). Isso gera
um mar de confusões e tiros, à moda
Frank Tashlin, deus do riso nos anos
1950 e 60. Plataforma: Disney+

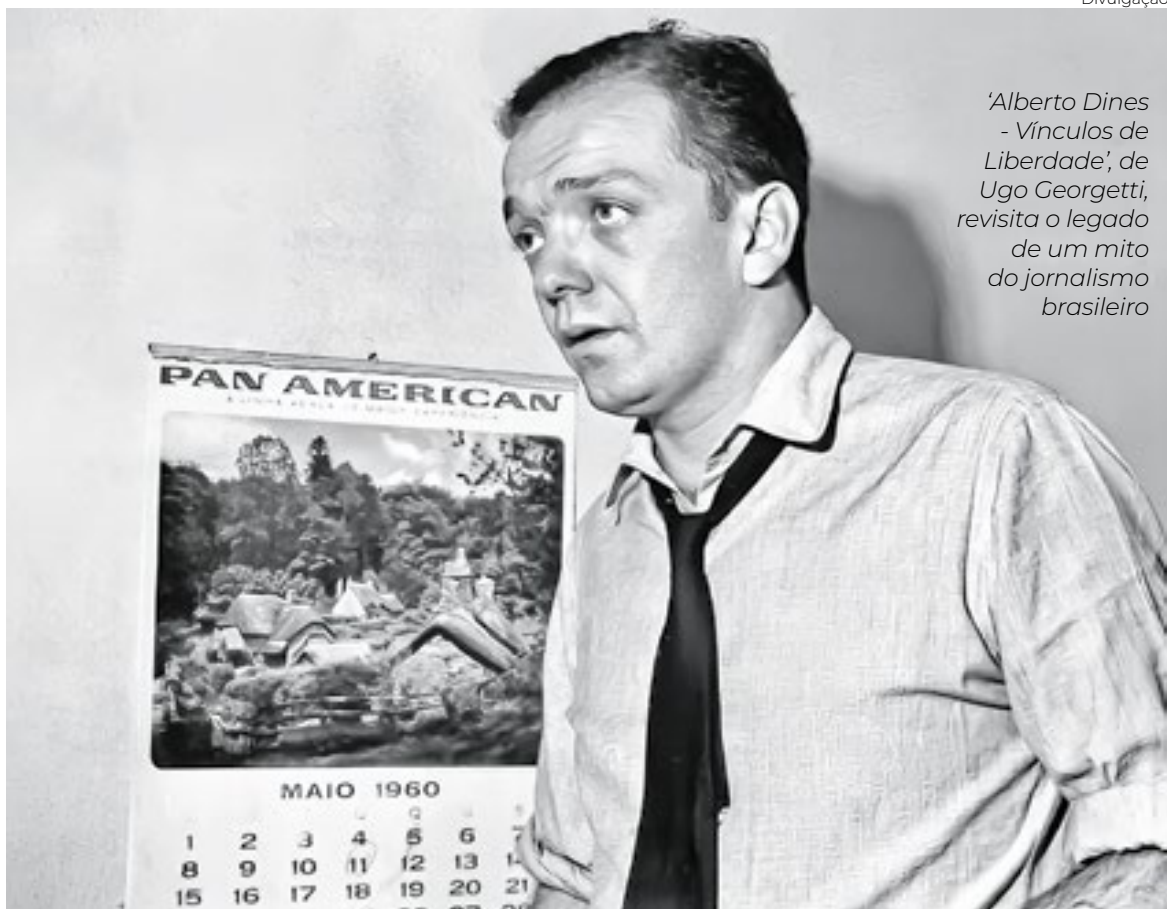
PAIXÃO DE ESCRITÓRIO
 (“Office Romance”), de Ol
Parker: Num bem-vindo interdito a
normas moralistas da contempora-
neidade, que só uma estrela do por-
te de Jennifer Lopez seria capaz de
bancar, um advogado britânico que
mais parece um peixe fora d’água
nos EUA (papel de Brett Golds-
tein) entra no radar da dona de sua
empresa, a Air Cruz, não por seus
dotes com a palavra da Lei, mas por
seu charme. JLo é a patroa em ques-
tão, Jackie Cruz, esbanjando humor
numa comédia romântica com cara
do que Meg Ryan fazia nos anos
1990. Um destaque à parte aqui é a
escalação de Edward James Olmos
(dublado por Élcio Romar) para ser
o pai de Jackie no filme. Plataforma:
Netflix

Macunaíma?

Presente!

De novo (e sempre)

Aliado cinéfilo da democracia nos anos de chumbo, o Cineclube vinculado à Associação Brasileira de Imprensa (ABI) renasce nesta sexta, com longa sobre o mítico jornalista Alberto Dines



Divulgação

'Alberto Dines - Vínculos de Liberdade', de Ugo Georgetti, revisita o legado de um mito do jornalismo brasileiro

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Batizado com o nome do “herói de nossa gente” criado por Mario Andrade (1893-1945), o Cineclube Macunaíma fez História no Brasil entre 1973 e 1987, ampliando a relevância social (e cultural) da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), que o gerou e o acolheu, ao se posicionar com coragem nas lutas políticas do país. Exibia-se ali o sonho de toda boa cinefilia, com tudo de que a democracia necessitava para resistir.

Não é à toa que o regresso desse tradicional espaço de troca de ideias (regado a imagens em movimento), nesta sexta-feira (24), às 18h, celebra um artesão da notícia famoso por leads recheados de autonomia crítica. “Alberto Dines – Vínculos de Liberdade” será o filme abre-alas desse recomeço. Sua sessão será no auditório (renovado com capricho) do nono andar da ABI. Ugo Georgetti (de “Festa” e “Boleiros”) assina a direção, driblando as estratégias habituais dos docs biográficos para apresentar os feitos de Dines a partir de sua inquietude e de seu comprometimento com de independência intelectual.



Acervo ABI

Imagem da fachada do prédio histórico da ABI, no Centro do Rio, nos tempos da fundação do Cineclube Macunaíma

“Foi no Cineclube Macunaíma, em plena ditadura, que eu descobri a obra de Eisenstein, vendo as projeções de ‘Greve’, de ‘Ivan, O Terrível’, de ‘Outubro’ e lembro de, no dia da sessão de ‘O Encouraçado Potemkin’, haver gente da Repressão tentando impedir que o filme fosse exibido”, conta Octavio Costa, atual presidente da ABI. “Durante seus 14 anos de vigência na Associação, o Cineclube exibiu muito cinema a que a gente habitualmente não tinha acesso. Era cinema tcheco, húngaro, soviético..., mas sempre houve espaço para o cinema brasileiro. Lembro de um ciclo do Leon Hirszman importantíssimo. E a gente retoma agora com o trabalho do Ugo Georgetti sobre um jornalista importantíssimo, que foi o Dines. É a escolha perfeita.”

Alma, coração e vida do programa “Observatório da Imprensa”, exibido pela TV Brasil de 1998 a 2016, Dines (1932-2018) ingressou na dinâmica profissional da reportagem a partir de 1952 e não demorou a fazer do ofício um meio de transformar a realidade (para melhor). Não à toa, pregava: “Todo jornalismo é investigativo, ou não é jornalismo”. Escreveu livros seminais (“Morte no paraíso, a tragédia de Stefan Zweig”, de 1981, é um deles) e brigou as muitas brigas que este país travou

para preservar sua dignidade. É essa trajetória que capturou o olhar de Georgetti, diretor-autor de uma obra poética com um pé na melancolia e outro no deboche, numa alquimia singular com a tradição neorrealista do cinema brasileiro, ao unir denúncia e ternura, trançando zoação e saudosismo.

Sua escalção pavimentada - com perfeição - o projeto da diretoria de cultura da ABI (pilotada por Iara Cruz) de dialogar com a nossa produção audiovisual. Esse mesmo fundamento colocou o Macunaíma de pé, lá atrás. Em 1973, sob o garrote do governo de farda verde oliva, uma iniciativa do jornalista Maurício Azedo, juntamente com craques como Fichel Davit Chargel, Luiz Paulo Machado, Ancelmo Gois, Elane Maciel e Jalusa Barcelos, fez nascer o cineclube na sede da Associação Brasileira de Imprensa (ABI).

Até o fim da década de 1980, o espaço foi um polo cultural vital, promovendo pré-estreias nacionais e hispano-americano, além de debates com a nata da crítica. Formou plateias, resistindo como palco político e artístico até 1987, quando encerrou suas atividades. Houve uma volta, online, na pandemia, numa ação com a ajuda do documentarista Silvio Tandler (1950-2025) e do crítico Ricardo Cota, estendida pelo empenho de Maria Luiza Franco Busse, que celebrou os 50 anos do Macunaíma, em 2023, exibindo “Azylo Muito Louco” (1970) no Estação Botafogo, em celebração do trabalho de Fichel e outros pioneiros.

A renovação da sanha cineclubista do Macunaíma no auditório da ABI recoloca em cena uma experiência histórica que articulou poesia, direção de filmes, reflexão jornalística, análise política e defesa dos direitos humanos em um dos períodos mais emblemáticos da história brasileira. Agora, ao exibir filmes para as novas gerações e para os associados (de muito tempo), o Cineclube amplia o perímetro cinéfilo do Rio de Janeiro.

“Existe uma dissertação de Mestrado maravilhosa da (pesquisadora) Claudia Moretz-Sohn, sobre o Cineclube Macunaíma (chamada “Uma História de Resistência”), na qual ela levanta todos os filmes que foram exibidos lá, numa recuperação metódica do que vivemos”, diz Octavio, com a esperança de que a ABI possa exibir filmes quinzenalmente. “Agora que nós colocamos uma tela retrátil de qualidade e reformamos o auditório, não há razão para não manter o Macunaíma ativo.”

SERVIÇO

CINECLUBE MACUNAÍMA

Projeção inaugural com “Alberto Dines – Vínculos de Liberdade”

Auditório da ABI (Rua Araújo Porto Alegre, 71, 9º andar) - Centro)

24/7, às 18h
Grátis

Palco aberto para a filha do Rei do Blues

Claudette King traz o legado do pai B.B. King e mostra seu ‘blues new wave’ no Blue Note Rio

O blues continua vivo. Nesta quarta-feira (22), às 20h, o Blue Note Rio recebe uma das vozes mais pungentes do blues contemporâneo. Claudette King, filha caçula do lendário B.B. King — um gênio, sem exageros — sobe ao palco em noite de tradição e renovação. A apresentação integra a turnê da cantora pelo Brasil, que já passou por cidades como Paraty e São Paulo celebrando o centenário de nascimento do pai, em 2025, e reafirmando o sobrenome que carrega com orgulho e responsabilidade.

Única entre os quinze filhos do rei do blues a seguir carreira musical, Claudette construiu

uma trajetória que equilibra herança e identidade própria. Nascida na região da baía de San Francisco, cresceu cantando em corais de igreja batista e nos glee clubs da escola, embebendo-se das vozes que moldariam seu estilo: Aretha Franklin, Chaka Khan, Michael Jackson e Mahalia Jackson.

Mas a inspiração maior, ela não hesita em dizer, sempre foi o pai. “Eu sempre quis cantar e gostava de ver o que meu pai fazia e como os fãs dele estavam em sintonia com isso. Vê-lo fazendo música realmente me inspirou”, disse em entrevista à Veja em 2025.

O curioso é que B.B. King não queria que os filhos seguissem seus passos. Queria que Claudette tivesse outra profissão, e por isso ela cursou administração de empresas. Cantou com ele apenas uma vez — a oportunidade veio, ela engravidou e precisou esperar. Mais tarde, voltou a fazer algumas apresentações ao lado do pai, mas nunca o suficiente para sua vontade. “Estou fazendo isso agora. Tenho meu pai espiritualmente comigo”, disse.

Hoje, Claudette se apresenta ao lado de músicos como James Bolden, ex-trompetista da banda de B.B., a quem chama de tio. “Fizemos coisas juntos e demonstra-



A caçula Claudette foi a única entre os filhos de B.B. King a seguir carreira musical

mos carinho no palco porque ele amava muito meu pai, e eu o amo por amar meu pai”, conta.

Com um estilo que ela pró-

pria batizou de “blues new wave”, Claudette injeta soul, R&B e até toques de hip-hop no blues tradicional. “Tento colocar um pouco de R&B, um pouco de hip-hop, para tocar a geração mais jovem e também agradar às pessoas mais

velhas”, explicou. Não por acaso, é chamada de “Bluz Queen” e já foi abençoada por Etta James, para quem abriu um show — a lendária cantora deu um joinha e mandou que ela continuasse. Membro da Academia Nacional de Gravação dos Estados Unidos, Claudette lançou o álbum “We’re Onto Something” e o country-blues “Whiskey Makes Me Sin”, mostrando versatilidade.

“Dar continuidade ao legado do meu pai é um sonho realizado. Ver o amor que as pessoas têm por ele, sentir essa música e expressá-la do meu jeito, mantendo essa conexão espiritual com ele, é uma honra.” No repertório da noite, estão clássicos como “The Thrill Is Gone”, “Rock Me Baby” e “Guess Who”, além de canções autorais que revelam uma artista dona de um estilo que é ao mesmo tempo herança e reinvenção. “O blues ainda está aqui. Mesmo tendo perdido tantos artistas icônicos — especialmente meu pai —, o blues continua vivo em mim e em você. Então, deixe ele fluir.”

SERVIÇO

CLAUDETTE KING

Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1.910 — Copacabana)
22/7, às 20h
Ingressos a partir de R\$ 70

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Daniel Lobo/Divulgação



Farofa e a causa animal

A banda Farofa Carioca lança nesta sexta (24) “Caramelo”, parceria com Frejat, que narra em primeira pessoa a trajetória de um cão abandonado. A faixa compõe a campanha “Não Compre, Adote”, com entidades de resgate animal, e coincide com o mês do Dia do Vira-latas (31/7). Frejat assina composição, vocais e guitarra ao lado de Gabriel Moura. “O caramelo é um brasileiro legítimo, um sobrevivente. Somos vencedores pela nossa capacidade”, compara Moura. A canção mistura samba, funk, soul e metais.

Thayane Massopust/Divulgação



Unidos por Totonho

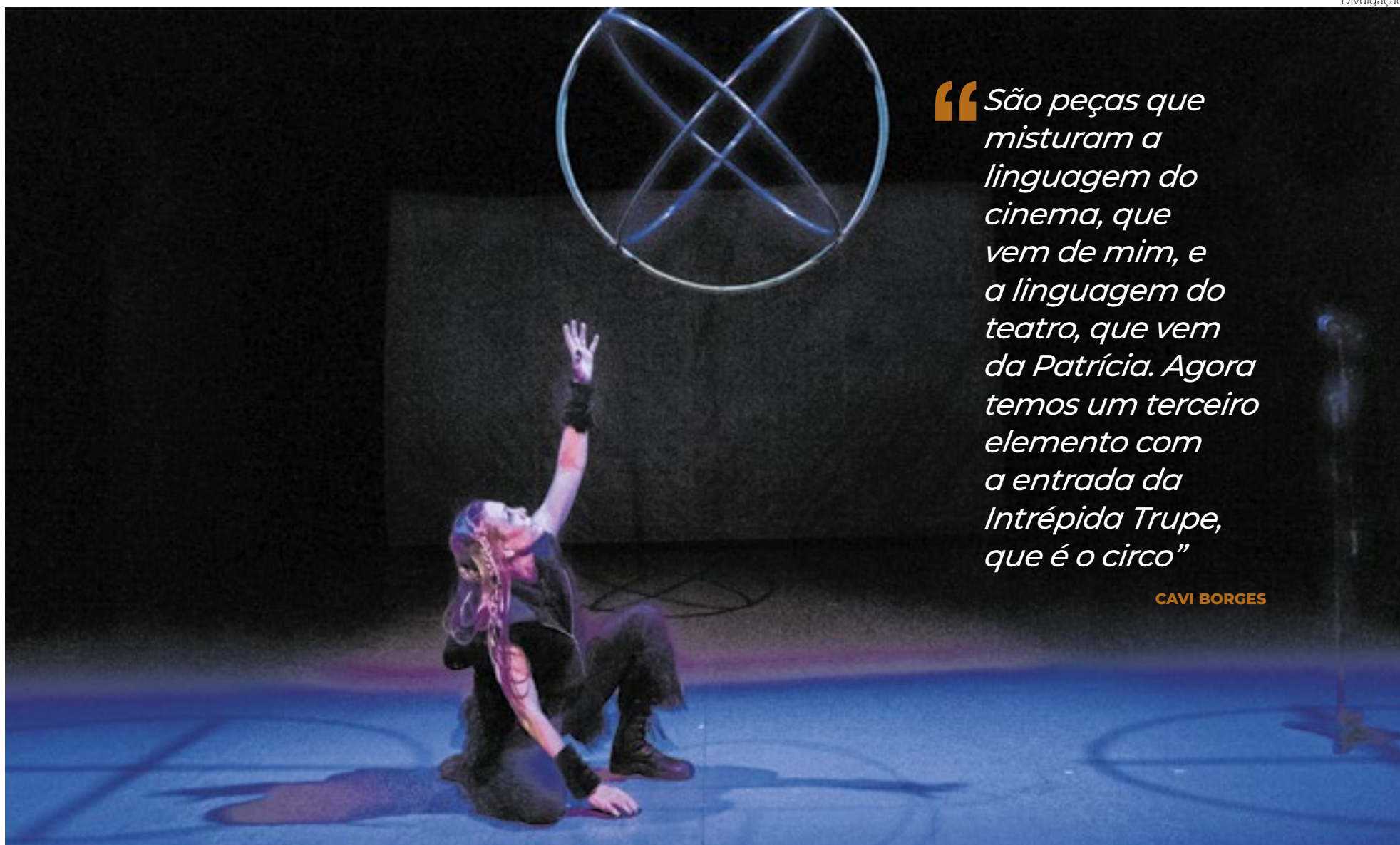
O cantor cearense Lucas Bezerra lança nesta sexta (24) “Rosa Da Matinha”, segundo single do álbum “Eu Mandei Meu Amor Pro Espaço”, dedicado à obra do compositor paraibano Totonho. A faixa traz Geraldo Azevedo em releitura da canção gravada por Totonho em “Côco Ostentação” (2016). Parceiro do compositor desde os anos 1990, Geraldo estimulou Totonho a alçar seu primeiro trabalho autoral, o álbum “Totonho & Os Cabra” (2000). O projeto de Lucas revisita nove composições do artista paraibano.

Marcela Oliveira/Divulgação



Cantar o desconforto

A cantora Bárbara Grando lança “Euforia” nesta sexta (24). Produzida pela Zucchini, a faixa é um pop experimental que aborda ansiedade e saúde mental a partir de vivência pessoal. “Eu queria criar uma música que não escondesse o desconforto, mas que também não parasse nele”, diz a artista. Composta com Leto, Guiggow e Gale, a faixa oferece, segundo ela, “um abraço, um espelho e uma luz para atravessar os próprios labirintos”. O single hega com videoclipe no canal da artista no YouTube.



“São peças que misturam a linguagem do cinema, que vem de mim, e a linguagem do teatro, que vem da Patrícia. Agora temos um terceiro elemento com a entrada da Intrépida Trupe, que é o circo”

CAVI BORGES

Patricia Niedermeier numa de suas atuações mais celebradas em ‘Comunicado a Uma Academia’

Um corpo entre dois mundos

Livre adaptação do conto de Kafka, ‘Comunicado a uma Academia’ reúne teatro, cinema e circo na sede da Intrépida Trupe, com Patricia Niedermeier em performance solo arrebatadora

Há um macaco que toma a palavra diante de uma plateia de sábios. Sua intenção não é exibir sua evolução, mas apenas contar como foi capturado na selva, enfiado numa jaula e, para escapar da morte lenta no cativeiro, aprendeu a imitar os homens. Não era por admiração, mas um puro instinto de sobrevivência. Essa é a fábula de Franz Kafka em “Comunicado a uma Academia”, conto de 1917 que a atriz e diretora Patricia Niedermeier e o cineasta Cavi Borges transformaram em uma das experiências cênicas

mais potentes do circuito carioca neste ano.

Depois de uma temporada de estreia em maio que lotou as sessões e arrancou elogios da crítica, o espetáculo chega à sede da Intrépida Trupe, dentro da Fundação Progresso, na Lapa. São seis apresentações de uma peça que mistura linguagens com a mesma liberdade com que seu protagonista — Pedro, o Vermelho — transita entre o gesto simiesco e a postura ereta.

Patricia Niedermeier não interpreta Pedro Vermelho. Ela é Pedro Vermelho. Em cena por 50 minutos ininterruptos, a atriz transborda o texto com uma va-

riedade impressionante de inflexões de voz, pausas expressivas e uma fisicalidade que beira o transe. A crítica já a chamou de “magnetizante” e apontou esta como sua maior atuação desde sempre.

A direção de movimento assinada por Beth Martins e Vanda Jacques, fundadoras da Intrépida Trupe, insere o espetáculo no vocabulário do circo: aparelhos acrobáticos suspensos, movimentos de risco calculado e a exploração vertical do palco transportam o público para o universo aéreo dos primatas. É o terceiro elemento que faltava na já consolidada pesquisa do casal Cavi Borges e Patricia com o formato peça-filme — um híbrido que eles vêm desenvolvendo há cinco anos e que já rendeu cinco montagens.

“São peças que misturam a linguagem do cinema, que vem de mim, e a linguagem do teatro, que vem da Patrícia. Agora temos um terceiro elemento com a entrada da Intrépida Trupe, que é o circo”, explica Cavi. A parceria é também uma celebração de trajetórias: em 2026, a Intrépida Trupe completa 40 anos de fun-

dação (nasceu em 1986, das lonas do Picadeiro, revolucionando o circo brasileiro ao mesclá-lo com teatro, dança e música), e a Cavi-deo, produtora de Cavi, celebra 30 anos de atividade ininterrupta no cinema independente.

A ocupação cenográfica é propositalmente enxuta: um telão frontal exibe cenas criteriosamente selecionadas por Cavi Borges — trechos de “2001: Uma Odisseia no Espaço” e “Nascido para Matar”, de Stanley Kubrick, e de “The Wall”, de Alan Parker — num contraponto visual ao monólogo: o chimpanzé que descobre o osso como arma, o soldado que desumaniza o inimigo, o muro que separa e alucina.

O conto de Kafka história edificante. É uma ironia ácida sobre o que chamamos de civilização. O macaco não se torna humano por evolução espiritual — ele adere à lógica dos homens como a única porta de saída da jaula. E despreza o conceito de liberdade que os acadêmicos tanto cultuam. Sua meta é bem mais modesta: alcançar “a formação média de um europeu”. O perso-

nagem, como define Patricia, “é imperfeito, ambíguo e profundamente humano”.

Montado pela primeira vez no Brasil com impacto por Moacyr Góes em 1993, tendo Ítalo Rossi como protagonista numa interpretação que se tornou referência, o texto de Kafka segue inspirando montagens ao redor do mundo — no México, Alejandro Jodorowsky também o levou aos palcos recentemente. A versão brasileira de 2026, no entanto, tem um diferencial que a crítica apontou como “desestabilizador”: o macaco que vira homem é interpretado por uma mulher. A escolha não é meramente conceitual — ela desloca o olhar do espectador e acrescenta camadas à discussão sobre identidade, mimetismo e resistência.

Numa cidade que vê o teatro independente lutar por espaço, a parceria entre a Cavi-deo e a Intrépida Trupe — que inclui também um cineclube e cursos de cinema na sede da Fundação — é um sopro de resistência criativa. Afinal, como pergunta a montagem: o que resta de nós quando precisamos imitar para sobreviver?

SERVIÇO

COMUNICADO A UMA ACADEMIA

Sede da Intrépida Trupe (Rua dos Arcos, 24, Centro - Fundação Progresso)
De 25/7 a 29/8, às 19h
Ingressos: R\$ 60 e R\$ 30 (meia)